

# ACONTECIMENTO E LITERATURA NA LÓGICA DO SENTIDO: BOUSQUET, BORGES E MALLARMÉ - AS MOLÉCULAS DE DELEUZE

*EVENT AND LITERATURE IN "THE LOGIC OF SENSE":  
BOUSQUET, BORGES, AND MALLARMÉ – DELEUZE'S  
MOLECULES*

**Natália Santos**

Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.164>

**RESUMO:** Deleuze buscou sempre se aliar com forças que vinham de fora da filosofia para retornar a filosofia com mais vitalidade. É preciso encontrar os livros certos, e os autores com os quais compor, é necessário buscar nossas moléculas nos livros para que possamos ler. Desse modo Deleuze encontrou suas moléculas nas páginas de autores como Bousquet, Borges e Mallarmé pois os cruzamentos existentes entre a literatura desses autores e a filosofia Deleuziana, sobretudo no que diz respeito ao conceito de Acontecimento, é notório. No presente texto buscamos evidenciar a relação estreita que existe entre cada um desses literatos e o conceito de Acontecimento, que vemos ganhar destaque na obra *A lógica do sentido*. A relação do estoicismo com a literatura será abordada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acontecimento. Literatura. Deleuze.

**ABSTRACT:** Deleuze always sought to ally himself with forces from outside philosophy in order to return to philosophy with more vitality. It is necessary to find the right books and authors with whom to compose; it is necessary to seek our molecules in books so that we can read. In this way, Deleuze found his molecules in the pages of authors such as Bousquet, Borges, and Mallarmé, since the existing intersections between the literature of these authors and Deleuzian philosophy, especially regarding the concept of Event, are notorious. In this text, we seek to highlight the close relationship that exists between each of these writers and the concept of Event, which we see gaining prominence in the work *The Logic of Sense*. The relationship between Stoicism and literature will be addressed. **KEYWORDS:** Event. Literature. Deleuze.



## Introdução

Desde um ponto de vista filosófico, compreender o acontecimento deleuziano é em primeiro lugar entender a tradição estoica na qual Deleuze se insere: não um estoicismo clássico, mas um estoicismo criativo, que tem apressado pela lógica e paradoxos dessa antiga escola. O estoicismo de Deleuze pode ser entendido como uma fuga do aristotelismo, um rechaço a imagem do pensamento e do filósofo tal qual as propõe Aristóteles, e para além disso é a aproximação de uma filosofia que permite pensar o acontecimento. Os estoicos tinham

proposto uma nova via, uma outra imagem do pensamento e do filósofo, que não dependia de Categorias e ia na contramão tanto da via aristotélica quanto também da platônica. O pensamento estoico, vai afirmar o destino ao mesmo tempo em que vai negar a necessidade, para fazer isso vai falar no extra ser além do ser; vai prever uma dupla leitura temporal: Cronos (apenas o presente existe no tempo) e Aion (passado e futuro simultâneos, extra ser). Ao lançar mão desse novo tipo de lógica, Deleuze, assim como os antigos estoicos, escapou de toda a metafísica aristotélica, uma vez que já se instalou fora dela, começou por rejeitar seu arcabouço lógico, pois inicialmente, renegou sua metafísica, a imagem aristotélica do pensamento. Assim, no lugar dos dez gêneros supremos que compõem as clássicas Categorias e classificam tudo em função do Ser, na teoria estoica vemos a oposição entre o ser e o extra ser: incorporal.

O caminho que foi aberto pelos estoicos foi uma via que Deleuze percorreu até certo ponto, porém, apenas a lógica estoica, com seus paradoxos e sua dupla leitura temporal não é suficiente para manter de pé o mundo que Deleuze ambicionava criar, faltavam ainda moléculas, daí a necessidade de ir além da lógica estoica, além da filosofia e se aliar com as artes, buscar na poesia as moléculas que faltam. Se as nossas moléculas são aquilo que nos permite ser exatamente quem nós somos, nos permitem sonhar, pensar e ler. Então é verdade que Bousquet, Borges e Mallarmé são as moléculas de Deleuze:

O que me importa de fato é que vocês encontrem aquilo que lhes faz falta, os autores que têm algo para lhes dizer e a quem vocês têm algo a dizer. O que me interessa em filosofia é essa seleção. Há uma sensibilidade filosófica. Aqui também é uma questão de moléculas. Basta pensar como as moléculas de alguém são atraídas, como elas se tornam, por exemplo, cartesianas. Existem cartesianos e cartesianos. Há aqueles que consideram que Descartes lhes sussurra algo aos

ouvidos, algo fundamental para as suas vidas, incluindo aqui a vida moderna. Pois bem, têm gênio, mas eu, por minha conta, não tenho nada o que fazer com ele. Defendo, antes, que vocês estabeleçam relações moleculares com os autores que leem. Encontrem aquilo que lhes atrai, não passem sequer um segundo criticando algo ou alguém. Encontrem suas moléculas. Se não as encontram, nem sequer poderão ler. Ler é isso, é encontrar as suas próprias moléculas. Estão nos livros. As suas moléculas cerebrais estão nos livros, e é preciso que encontrem esses livros. (DELEUZE e GUATTARI, 2008, p. 161)

Esses autores nos permitem ler *A lógica do sentido* e entender que para além da lógica e dos paradoxos estoicos existe uma dimensão poética e vital do Acontecimento que só é encontrada a partir da literatura. É através da dela que nós podemos entrar em contato com esse lado vital e poético que explica o Acontecimento. Por isso vamos agora nos debruçar brevemente sob cada um desses autores.

Bousquet: estar à altura da ferida que nos acontece

Na obra de Bousquet a poesia se imiscui com o estoicismo, dando demonstrações disso na própria vida do autor. Foi isso que atraiu as moléculas de Deleuze para poesia de Joe Bousquet, que ao final da Primeira Guerra sofreu um ferimento que o deixou paralisado, e pelo resto de seus dias viveu acamado e cercado por livros. É nesse exemplo que aprendemos o que Deleuze toma por Acontecimento: o acidente é o acontecido, mas o Acontecimento é o sentido, o incorporal, o singular, aquilo que não se efetua jamais, porém serve de contorno ao acontecido. É aquilo que brilha nos dando sinal da dimensão ética do estoicismo: Estar à altura do que nos acontece. Distanciara-nos do ressentimento e fazer-nos um com o Amor fati:

“A meu gosto da morte, diz Bousquet, que era falência da vontade, eu substituirei um desejo de morrer que seja a apoteose da vontade”. Deste gosto e deste desejo, nada muda de uma certa maneira, salvo uma mudança de vontade, uma espécie de salto no próprio lugar de todo o corpo que troca sua vontade orgânica por uma vontade espiritual, que quer agora não exatamente o que acontece, mas alguma coisa no que acontece: o Acontecimento. [...] Bousquet diz ainda: “Torna-te o homem de tuas infelicidades, aprende a encarnar tua perfeição e teu brilho” Não se pode dizer mais nada: tornar-se digno daquilo que nos ocorre (DELEUZE, 1969, p.152)

A unidade entre os corpos, da qual falam os estoicos, é precisamente aquilo que não podemos controlar, o Destino ou a Fortuna é a maneira que os corpos se mesclam, como entram em contato uns com os outros,

como se devoram e se maculam, é algo por nós incontrolável. Já a negação da necessidade, é justamente afirmar nossa possibilidade de agir no mundo a despeito do Destino, é a maneira como decidimos encarar os acontecimentos da vida. É esse o lugar da liberdade nessa doutrina. O exemplo: a ferida de Bousquet. A liberdade é o duplo movimento de afirmação do destino e negação da necessidade. Algo que Deleuze aprendeu com a ferida de Bousquet:

Minha ferida existia antes de mim, ele gostava de repetir com Bousquet (e eu não faço mais do que a atualizar), não importava como, esposando essa ferida de uma certa maneira, transformando ou carregando-a sobre um outro campo de experiência. é disso que ele nos fala sem cessar em *Lógica do Sentido*. Minha ferida existia antes de mim, mas ao invés de dobrá-la sobre si mesma num universo miserável e de autodestruição, eu derrubo o sentido dando-lhe uma força sobre um fora que a recarrega de outra maneira. (LAÉ, 1995, s/p)

A ferida, ou melhor dizendo, a maneira que Bousquet lidou com a ferida, transformando-a em poesia foi o que fez dele um gigante frente ao destino. Esse é o sentido incorporeal e poético, o Acontecimento.

A loteria de Borges: o jogo ideal do pensamento

No livro *Ficções* somos apresentados a uma série de contos que se relacionam de maneira estreita com o pensamento deleuziano. Como por exemplo, O jardim das veredas que se bifurcam, que lança luz sobre uma leitura temporal revolucionária na história da filosofia, Deleuze relaciona esse conto com a revolução copernicana feita por Kant, onde o tempo deixa de estar subordinado ao movimento e passa a ser concebido como uma forma pura da subjetividade. Assim, ao aventurar-nos nas páginas de certos literatos, vemos que a literatura é capaz de despertar na filosofia forças que nos ajudam a compreender conceitos. Os autores que são caros a Deleuze não o são atoa, pois se Borges é importante é porque ele compreende através da literatura a potência que é o Acontecimento.

No capítulo do jogo ideal, 10ª série da *Lógica do sentido*, Deleuze enumera os quatro princípios do jogo, jogo esse que poderiam muito bem ser mais um conto das Ficções de Borges:

1. não há regras preexistentes, cada jogada inventa sua própria regra;
2. o conjunto de jogadas afirma a sorte ou o acaso (chance/l'hasard);
3. todas as jogadas formam parte de um só e mesmo lance, ontologicamente um, cujo único lançar é o caos, do qual cada lance é um fragmento;
4. o jogo ideal apenas pode ser pensado, existe somente no pensamento, mas ele mesmo é a realidade do próprio pensamento. Pois só o pensamento

pode afirmar todo o acaso e fazer do acaso um objeto de afirmação. É o jogo reservado ao pensamento e a arte, onde não há mais vitórias para aqueles que souberam jogar, isto é, afirmar e ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo para dominá-lo, para apostar, para ganhar. Este jogo que não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo. (DELEUZE, 1969, p. 62 e seguintes)

Como nenhum outro conto, é na Loteria da Babilônia de Borges que vemos explicitado o conceito de Acontecimento, que é um exemplo perfeito de jogo ideal, tal qual Deleuze o compreendia, e descreveu: o azar é afirmado a cada etapa da partida, não há regras predefinidas, de modo que todos na Babilônia já foram procônsul, assim como também todos já foram escravos. Nenhum lance na loteria de Borges é final, pois a Babilônia não passa de um jogo de azar infinito, ou seja, a loteria da Babilônia é um jogo de azar que afirma todo o caos/acaso, uma vez que não tem fim, e justamente por sua qualidade de ser infinito é um tipo de jogo que apenas pode ser pensado, é um jogo que se desenrola no pensamento, podemos encontrá-lo desdobrado nos contos de um literato ou nas páginas de um filósofo... Esse jogo que é pura estética, arte, um incorpóreo que se desdobra no pensamento é uma obra que nos mostra o lugar do Acontecimento, que apenas pode ser no pensamento, como na criação incorpórea da ficção que é a loteria da Babilônia.

uma obra virtual, na qual um simples corpo capturado pelo virtual, pode então ser suplantado por uma verdadeira expressão do virtual na arte, em que os incorpóreos são finalmente reconhecidos pelo seu valor estético. (CAUQUELIN, 2006, p. 125 e 128)

## **Mallarmé: um lance de dados jamais apagará a morte**

As intuições literárias de Mallarmé também o aproximam dos incorpóreos estoicos como o espaço, o vazio e o exprimível (lekton), e desse modo o levam a uma certa compreensão do Acontecimento:

“Em 8 de junho de 1823, menos de um ano antes de sua morte: “Espaços ... eu diria quase ... imaginários, de tal modo sua existência é ... “ Mallarmé teria sem dúvida parado em “imaginários”, mas não é já ele quem fala, com essa palavra suspensa, esses silêncios que modelam o ar e esse jeito de reter a palavra para que ela escape e se eleve, por ela mesma, em seu ponto de evidência? Quando ele descobre que, na literatura, todas as coisas se dizem, se mostram e se revelam em

sua verdadeira face e sua secreta medida, assim que elas se afastam, se espaçam, se atenuam e finalmente se expandem no vazio incircunscrito e indeterminado de que a imaginação é uma das chaves, conclui ousadamente que esse vazio e essa ausência são o próprio fundo das realidades mais materiais, a tal ponto que, diz ele, se espremêssemos o mundo para fazer sair dele o vazio, ele não encheria nossa mão.” (BLANCHOT, 2005, p. 80 e 81)

Em paralelo com o jogo ideal de Deleuze, o Lance de dados de Mallarmé é um exemplo perfeito do lance único do caos/acaso. Esse lance de dados é o Acontecimento, uma singularidade, que opera sempre de um modo problemático, uma vez que não se reduz aos estados de coisa, se furta ao presente, e assim vai na contramão de Cronos: o histórico. Justamente por sua característica de novidade, tende a ser algo problemático, já que não se encaixa nas estruturas que previamente estavam dadas no mundo. O Acontecimento diz respeito a novidade no seu sentido de criação e justamente por isso, diz respeito aos problemas, o acontecimento é por excelência problemático e problematizante, um jogo azarento sem final ou resolução, pois é também infinito. Não importa o resultado do lance de dados, não importa o estado de coisas, o que importa é a potência de sempre se produzir algo novo, algo que como diz a primeira regra do jogo ideal, não tenha nenhuma ordem preestabelecida, um Acontecimento que invente para si a sua própria regra. Pois ainda que “jogado em circunstâncias eternas”, o lance se fragmenta e ramifica em infinitos lances, cada um deles reafirmando o acaso, todos os múltiplos acontecimentos que nos reenviam sempre a um só e mesmo acontecimento (a morte).

Deleuze não enxerga liame lógico entre a ideia de Acontecimento e a ideia de fim, então nos cabe falar desse fim, mais que nada, cabe falar do acontecimento ideal: a morte. O jogo ideal é o próprio Acontecimento para Deleuze, o acontecimento ideal é o “modelo” do jogo, ou colocando de maneira mais precisa, uma vez que utilizar a palavra modelo não seja o mais indicado aqui, já que o acontecimento é justamente aquilo que rompe com os modelos, pois é sempre uma novidade. Será interessante então pensarmos o Acontecimento ideal como índice, de (todo e) qualquer acontecimento.

Para isso voltamos a nos aproximar da literatura de Mallarmé. Assim como podemos pensar no lançar de dados de mallarmedianos, afirmando o acaso ao se ramificar em infinitas séries que convergem no ponto ideal, que nos remete ao Acontecimento único, podemos também pensar em seu Igitur e em como ele apontava para a relação estreita entre a literatura e a

morte. Uma vez que para Deleuze a morte é o Acontecimento ideal, pois ela é ao mesmo tempo:

o que está em uma relação extrema comigo, o que é fundado em mim, mas também o que é sem relação comigo, o incorpóreo e o infinito, o impessoal, o que não é fundado senão em si mesmo. A morte não é um acontecimento entre outros. Cada acontecimento é como a morte, duplo e impessoal em seu duplo. (DELEUZE, 1969, p. 154)

Em seu livro Espaço literário, Blanchot soube falar da importância que a relação com a morte tinha para a literatura mallarmédiana:

o poema para Mallarmé depende de uma relação com a morte, só é possível se a morte for possível, se pelo sacrifício e a tensão a que o poeta se expõe, ela se converter no poeta em poder, em possibilidade [...] (BLANCHOT, 1987, p. 37).

Fica claro que para ambos, a certeza (paradoxal) do fim, ao qual todos chegaremos, mas que de fato nunca chegamos, pois quando a morte enfim chega já não estamos mais presentes, é imprescindível para fazer poesia e pensar o acontecimento. Acreditamos inclusive poder considerar a morte como mais um dos tantos paradoxos que vemos ao longo da obra deleuziana, tal qual os paradoxos estoicos que animam a teoria do sentido de Deleuze, Porém, a morte tem lugar privilegiado em relação aos outros paradoxos, justamente por ser o índice de todos eles: o Acontecimento ideal. Como bem soube mostrar Blanchot, a morte para Mallarmé é força, potência, que cria possibilidades, isso nos aproxima muito da compreensão Deleuziana de Acontecimento.

## Conclusão

Ao buscar se aliar com forças estrangeiras a filosofia, Deleuze fez uma seleção a nível molecular. Pois ele percebeu que o encontro entre filosofia e literatura poderia ser extremamente forte. Assim não se aliou com autores quaisquer, buscou fazer uma seleção do que era interessante para a filosofia. Foi defensor de um pensamento nômade, um pensamento que não via barreiras onde havia apenas diferenças. Sua relação com a literatura não é outra coisa senão isto.

Não se trata em literatura, tampouco alhures de falar a respeito do estado de coisas, não se trata do que acontece, o que se efetua (o acidente, ou o contingente), mas do que nunca se efetua naquilo que acontece, porém insiste e permanece como índice, que nos orienta em direção ao que realmente importa, o que nos orienta em direção ao sentido, como

bem nos mostra Deleuze, são as singularidades, a ferida, a loteria, o lance de dados, a morte, enfim, o Acontecimento:

tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. Filho de seus acontecimentos e não mais de suas obras, pois a própria obra não é produzida senão pelo filho do acontecimento. (DELEUZE, 1969, p. 175)

Esse renascimento do qual fala Deleuze está totalmente de acordo com o paradoxo estoico que afirmava o destino ao mesmo tempo que negava a necessidade. Deleuze ao longo de seus livros insiste em fazer essa relação da filosofia com a morte e o renascimento.

Os filósofos são seres que passaram por uma morte, que dela nasceram e que caminham para outra morte, talvez a mesma. Num conto muito alegre, Pauline Harvey diz que não entende nada de filosofia, mas que gosta muito de filósofos porque eles lhe dão uma dupla impressão: eles próprios acreditam que estão mortos, que passaram pela morte; e acreditam também que, embora mortos, continuam a viver, mas com cautela, com cansaço e cautela. Segundo Pauline Harvey, isso seria um duplo erro, o que a faz rir. Em nossa opinião, é uma dupla verdade, embora também nos faça rir: o filósofo é alguém que acredita ter regressado dos mortos, com ou sem razão, e que regressa aos mortos, com toda a razão. O filósofo voltou dos mortos e está voltando para lá. Esta tem sido a fórmula viva da filosofia desde Platão. (DELEUZE, 2013, p. 72)

O filósofo é alguém que ao entrar em contato com as forças do pensamento, ao encarar o Acontecimento (filosófico) do espanto, renasce de uma maneira totalmente nova, e é só aí que o filósofo pode surgir. Porém nada garante que do espanto nasça o filósofo, há aqueles que encaram o acontecimento do espanto de maneira literária, daí a nossa necessidade de nos unir a literatura para compreender o acontecimento, enfim, há infinitas maneiras de encarar o acontecimento, aí mora a liberdade perante o espanto, a falta de necessidade frente o Destino. De todo modo, é necessário renascer, se deparar com as forças que nos forcem a pensar, ser atravessados pelo acontecimento, incorporá-lo e ao mesmo tempo afirmar o acaso. Para se fazer arte ou filosofia: um lance de dados.

## Referências

BLANCHOT, Maurice, **O espaço literário**. Rio de Janeiro, Rocco, 1987. BLANCHOT, Maurice, **O livro por vir**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CAUQUELIN, Anne, **Fréquenter les incorporels**: contribution à une théorie de l'art contemporain. Paris: PUF, 2006.

DELEUZE, Gilles, **Logique du sens**. Paris: Minuit, 1969. DELEUZE, Gilles, **Critica e clinica**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. vol.4. São Paulo: Editora 34, 2008.

LAÉ, Jean-François, Gilles Deleuze, une philosophie de nos blessures. In: **Revue Esprit**, Paris, n 47, p. 43-44, Décembre, 1995.